

# A agonia de Tancredo, agora em livro.

Quando aparecia em cadeia nacional de televisão e rádio para ler mais um boletim médico sobre o estado de saúde do presidente Tancredo Neves — no Hospital de Base de Brasília e no Instituto do Coração, em São Paulo —, o porta-voz Antônio Britto era impedido, pelas circunstâncias do momento, de revelar o que se passava nos bastidores do acontecimento que mobilizou o maior número de jornalistas em toda a história da República e manteve em suspense, durante 38 dias, mais de 130 milhões de brasileiros.

A oportunidade de falar como jornalista, que sempre foi, e como cidadão surgiu agora, quatro meses depois, num depoimento a outro jornalista, Luís Cláudio Cunha, editado pela editora gaúcha L & PM, nas livrarias a partir de hoje sob o título "Assim Morreu Tancredo", ao preço de Cr\$ 35 mil o exemplar.

O livro, na verdade, antes mesmo de ser lançado já atingiu uma marca rara no mercado editorial brasileiro: a primeira edição, de 25 mil exemplares, foi totalmente esgotada pelas solicitações das livrarias, obrigando a editora a providenciar uma segunda edição de dez mil exemplares. O lançamento oficial, porém, só ocorrerá no dia 18, na Câmara dos Deputados, com a presença de inúmeros protagonistas do episódio marcante da agonia e morte do presidente Tancredo, inclusive o próprio José Sarney, de quem Britto declinou da condição de porta-voz presidencial. "O livro já é um sucesso", festeja Ivan Pinheiro Machado, diretor editorial da L & PM.

Para chegar a esse ponto, contudo, Antônio Brito amargou uma experiência até então inédita entre os porta-vozes, entrecortada por momentos de brilho e de fraqueza. Até hoje é difícil para este gaúcho de Santana do Livramento escapar do estigma contraído frente às câmaras de televisão, quando fazia o País parar literalmente para dizer que o fundador da Nova República estava cada vez pior. Em alguns instantes, teve de rir para não chorar; outras vezes precisou lutar contra a emoção para não fraquejar perante milhões de pessoas que o assistiam; e, não raro, penetrou em conflitos de consciência e de ética profissional ao constatar que a realidade dos fatos era diferente das mensagens que o "professor doutor" Henrique Pinotti mandava que lesse para a opinião pública. Foi um dos momentos mais difíceis.

"Pinotti me chamou, notou que talvez desconhecesse a estrutura da Faculdade de Medicina do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, e disse que ali havia dois tipos de médicos. Os médicos, evidentemente, são todos doutores, mas havia aqueles que, tendo feito

Se tem que operar, opera logo'. Dona Risoleta interveio: 'Se tem que operar, está certo. Agora, só vai operar se ele quiser'."

A operação, mais tarde criticada por Henrique Pinotti em São Paulo e que gerou controvérsia entre os médicos, teve de fato uma assistência fora do comum, segundo conta Antônio Britto. Mas a ela não tiveram acesso ministros e políticos, como chegou a ser noticiado. "O problema, realmente, era o número excessivo de médicos. Não encontrei nenhum dos médicos presentes que falasse em menos de 30 pessoas. E isso é um absurdo." Tão absurdo como o entra-e-sai na sala da Unidade de Terapia Inten-

concurso, ganharam o direito de serem chamados de professores. Era o caso dele. Ele havia feito concurso, tinha passado na cadeira de cirurgia do aparelho digestivo, e desde então a forma correta de tratamento era professor doutor. Era assim que rezava o estatuto da Universidade e assim deveria ser feito. A partir de determinado momento, eu aprendia um pouco mais como é que funciona a cabeça das pessoas. E tinha de atuar como bombeiro, para não brigar por coisas assim.

Britto reconhece que os boletins, sobretudo os lidos em Brasília, causaram um desserviço, deixando a imprensa aturdida, a opinião pública apavorada e os empresários em polvorosa. No Hospital de Brasília, com a cumplicidade de Pinotti e os médicos Pinheiro da Rocha e Renault de Mattos, o que era um tumor maligno foi anunciado como diverticulite. Uma mentira foi oficializada e rompeu-se a barreira da confiança até então existente entre jornalistas e médicos.

Quem, no entanto, espera grandes revelações em "Assim Morreu Tancredo", não encontrará. Aliás, esse não é o objetivo do livro, como afirma Luís Cláudio Cunha. Antônio Britto, nas 200 páginas de depoimento, deixa de se porta-voz e assume como jornalista que não perdeu um só detalhe da doença do presidente recolocando o episódio numa sequência objetiva e emocionante. A fórmula encontrada para relembrar fatos, a tradicional entrevista "ping-pong", permite a Brito esclarecer alguns momentos obscuros da enfermidade de Tancredo, como, por exemplo, a irritação de Tancredo com o governador do Rio, Leonel Brizola, que o criticara na escolha da sua equipe e exibira mau humor e impaciência durante a solenidade do anúncio oficial do Ministério, no auditório da Fundação Getúlio Vargas. Era o sinal da guerra, segundo Britto, que viria a ser travada no hospital.

Na véspera da posse, depois de uma crise aguda, a decisão de operar surgiu do médico Pinheiro da Rocha, e entre as manobras usadas para convencer Tancredo houve



Despido da condição de porta-voz, o jornalista Antônio Britto conta, nas 200 páginas de "Assim Morreu Tancredo", os lances dos bastidores de todo o caso.

siva (UTI) do Hospital de Base, onde o risco de contaminação por bactérias é enorme. Fica a sensação de incompetência no ar, embora o jornalista evite fazer acusações, lembrando que os médicos Renault e Pinheiro, antes de tudo, deixaram a família à vontade para levar especialistas a Brasília.

Se os médicos pecaram, diz Britto, foi por terem tentado, ao mesmo tempo, ser bombeiros de um incêndio que não apagava. O jornalista põe abaixo as especulações de que Tancredo foi vítima de um complô e mesmo as de que, numa atitude criminosa, os médicos esconderam os tubos que pendiam do corpo do presidente para uma

fotografia quase artificial. Na verdade, de acordo com Britto, o que havia era otimismo exagerado.

Tal otimismo acabou afastando a própria família da dura realidade vivida pelo presidente entre as quatro paredes da UTI. Ali embaixo, mais de 400 jornalistas aprendiam uma nova lição, dado o papel que assumiam naquele instante. Mas, como diz Britto, uma lição que parece ter sido esquecida. O Brasil não está livre de uma repetição do episódio Tancredo Neves. E, mesmo que em escala menor, voltarão os preconceitos e incompreensões nas relações imprensa-medicina.

Bartolomeu Rodrigues

até truques, como o do médico Renault de Mattos, que justificou a transferência do presidente, até então na Granja do Riacho Fundo, para o Hospital de Base "apenas para tomar soro". Britto relata:

"Começou, então, uma reunião na sala ao lado do quarto do presidente, com a presença de Renault, Pinheiro, Gustavo, Aloísio França, o médico e primo Aluísio Neves, Tancredo Augusto, o ministro José Hugo Castelo Branco e o deputado Ulysses Guimarães. Pinheiro advertiu: não há mais alternativas. Ele tem de ir para a cirurgia. Esperar significa morrer. Eram 23h10. Aí chegou o sobrinho Francisco Dornelles e aconteceu a mesma conversa com a família. 'Olha, tem que operar, o quadro é grave. Há 90% de chance de que seja apendicite, mas pode ser tudo', avisou Pinheiro. O que é tudo?, indagou Tancredo Augusto. 'Tudo é tudo. Pode ser tudo', retrucou Renault, sem esclarecer. O ministro Dornelles irritou-se com a hesitação: 'O que é que a gente vai ficar discutindo? Não há nada que discutir.

Validade até 17/09/85.